

7. Performatividade, expressão ou manifestação de gênero?

O CONCEITO DE PERFORMATIVIDADE

Com o livro *Gender trouble* (1990), Judith Butler (2003) provocou uma discussão que marcou de forma profunda os estudos de gênero que vieram depois dele, dando ampla visibilidade à perspectiva conhecida como teoria *queer*. Em sua base, está o conceito de *performatividade*, que pressupõe que a identidade – e a identidade de gênero – tem natureza essencialmente discursiva, não só em sua gênese, mas também em sua existência cotidiana. Através desse conceito, o autor busca desconstruir a ideia de que as identidades são fixas e coerentes, argumentando que não há coesão nem continuidade na ideia de “pessoa”.

Para Butler, a identidade de gênero é uma ilusão criada por uma repetição de atos e gestos. O autor afirma que “não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente construída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (*ibidem*, p. 48). Ele argumenta que a forma como o gênero aparece em nossa linguagem hegemônica esconde essa performatividade, uma vez que é impossível alguém “ser” um gênero (como em “eu sou mulher”). O gênero não seria algo

que se é, mas um devir, uma atividade, uma busca contínua por “tornar-se”. É autore salienta que os gêneros existem *unicamente* dessa forma: “os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos, não haveria gênero algum, pois não há nenhuma ‘essência’ que o gênero expresse ou exteriorize, nem tampouco um ideal objetivo ao qual aspire e porque o gênero não é um dado de realidade” (*ibidem*, p. 199). Butler explica que o gênero não tem status ontológico, e os atos dos quais decorre o gênero são produzidos unicamente na superfície do corpo. Por isso, ela afirma que o gênero não provém de um *núcleo psicológico*.

Uma vez que Butler afirma que o gênero é sempre performativo, ele nunca seria expressivo. Isso faz com que se torne crucial distinguir *expressão* de *performatividade*. Não poderia haver expressão de uma suposta identidade de gênero verdadeira, pois ela seria apenas uma ficção. Não haveria identidade antes dos atos. É autore explica, portanto, como se dá a questão da identidade em torno do gênero: “o gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um lócus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*” (*ibidem*, p. 200, grifo de autore). Para é autore, movimentos, gestos e estilos corporais geram um efeito de gênero e a “ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero” (*ibidem*, p. 200). Por isso, Butler explica que os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos. É interessante apontar que é autore reconhece a existência da identidade de gênero, mas não como um núcleo psicológico e sim como um efeito da repetição de atos.

Nesse contexto, Butler afirma que as drag queens “zombam” da ideia de que existiria uma “verdadeira” identidade de gênero. Elas seriam internamente (no corpo) masculinas e externamente (na aparência) femininas. Ao mesmo tempo, elas seriam externamente (no gênero) masculinas, mas internamente (no eu) femininas. A suposta identidade de gênero primária seria parodiada pelas *drags* e pelas lésbicas *butch* e *femme*²⁰. Mas Butler aponta para a necessidade de observar três variáveis nesse jogo: sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero. Isso porque a pessoa que faz *drag* foi designada como menino, se reconhece como homem, mas se apresenta como uma mulher. Contudo, é autore explica que o que as *drags* fazem não é a imitação de um original. Ao contrário, elas mostram que o “original” não existe.

20 Casal de lésbicas no qual uma age de forma masculina (*butch*) e outra feminina (*femme*).

Figura 13 – Drag queens se apresentando pelo ManoTaurus no Champions LiGay



Fonte: produzida pelo autore

Descrição: Várias drag queens vestindo camiseta branca com o mascote do ManoTaurus e saia vermelha estão lado a lado em um campo gramado. Elas seguram pompons pretos. Há pessoas assistindo a apresentação ao fundo. Na frente, há membros do BhARBIXAS assistindo também. A foto foi tirada do lado de fora da quadra, então há uma tela na frente da imagem.

Durante a cerimônia de abertura da 5ª edição do Champions LiGay, dos 25 times que estavam competindo, 15 fizeram performances de apresentação. Apesar de não serem especificamente “performances de gênero”, diferentes caracterizações relacionadas a gênero foram acionadas pelos sujeitos para se colocarem frente a esse evento. Muitos dançaram funk ou outras músicas sensuais.

Grande parte das vezes com coreografias preparadas. Alguns se apresentaram com fantasias sexualizadas. Os membros do ManoTauros haviam trazido várias drag queens para a apresentação e praticamente a terceirizaram, deixando que elas fizessem a performance no lugar deles, como pode ser visto na Figura 13. Os membros do time apenas serviram de suporte para que elas subissem durante a coreografia. O Bharbixas, que estava sediando o evento, foi o último time a se apresentar. Seus membros entraram com a bandeira LGBTQIAPN+ e dançaram diversas músicas. Havia muitos membros dançando. Usaram leques e fumaça nas cores da bandeira trans. Estavam muito bem coreografados. Também havia drag queens “batendo cabelo”²¹. A presença de drag queens é interessante para mostrar o caráter performativo do evento, mas elas não eram as únicas a imitarem os gêneros de diversas formas ali.

CORPOS FORA DA NORMA

Judith Butler (2003) demonstra como a necessidade socialmente estabelecida de apresentarmos uma identidade coerente está diretamente relacionada à “heterossexualidade compulsória” e à discriminação contra pessoas não normativas. Ê autore argumenta que os marcadores de sexo, gênero e sexualidade fazem parte da configuração de todos nós enquanto sujeitos, de modo que uma incoerência

21 Dança em que as drag queens fazem movimentos rápidos com a cabeça, jogando e rodando os cabelos longos e soltos, através do uso de perucas.

entre essas características conduz a um questionamento sobre o nosso próprio status enquanto pessoas: “a matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’ – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não ‘decorrem’ nem do ‘sexo’ nem do ‘gênero’” (*ibidem*, p. 39). Isso porque são essas características que humanizariam os sujeitos.

Ê autore afirma que, para a norma, há uma suposta continuidade direta entre sexo, gênero e desejo, sendo o “eu verdadeiro” revelado no pertencimento a essas categorias. Elu nos explica, ainda, que os gêneros binários se ligam a uma heterossexualidade compulsória oposicional. No entanto, essa ficção encobre as diversas possibilidades de articulação entre gêneros e sexualidades. Segundo Butler, em alguns relacionamentos entre pessoas do mesmo gênero, é possível observar uma reprodução do modelo heterossexual, com uma pessoa assumindo características consideradas mais masculinas e outra características consideradas mais femininas. No entanto, elu explica que essa não é uma cópia de um original, mas sim uma cópia de uma cópia. É que a apropriação desse modelo só mostra o quanto ele é, desde o princípio, uma construção.

Ao abordar as performatividades lésbicas das *butchs* (masculinas) e *femmes* (femininas), Ê autore explica que, quando uma *butch* repete uma performatividade masculina, ela não está apenas reiterando o modelo heterossexual. Ela também está desestabilizando o sistema binário. Essa nova configuração que se estabelece pode ser justamente o que gera desejo em outra pessoa – no caso, a *femme*.

Butler explica que a imitação gera riso por indicar que o “original” é uma cópia necessariamente falha.

Para Butler, não é possível “entrar” dentro dessas práticas de repetição discursivas, pois o “eu” sempre esteve dentro delas. É só através delas que existe inteligibilidade. Por isso, “a tarefa não consiste em repetir ou não, mas em como repetir, a rigor, repetir e por meio de uma proliferação radical do gênero” (*ibidem*, p. 213). É autore acredita que, uma vez que o sexo não é natural e sim *performatado*, é possível ocorrer jogos subversivos e proliferações parodísticas nesse processo. É isso o que coloca em xeque o caráter natural do sexo/gênero, possibilitando, por exemplo, autocríticas e exhibições *hiperbólicas*. Butler defende que as regras não apenas reforçam os binarismos, mas também permitem subvertê-los. Portanto, os sujeitos não são determinados pelas regras, mas a subversão da identidade só pode ocorrer dentro das lógicas de repetição. Ela indica que a performatividade de gênero incorre em determinados fracassos em relação ao gênero performado, de modo que desafia os limites do próprio gênero.

ILUMINAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE PERFORMATIVIDADE

Gender trouble (1990), o trabalho que projetou a teoria *queer* e se tornou o mais conhecido de Judith Butler, gerou um rápido impacto nos estudos de gênero, mas também causou muitas polêmicas. Por isso, em textos posteriores, é autore elucida questões que não foram profundamente discutidas nesse trabalho, bem como responde a crí-

ticas de suas leitoras, leitores e leitorus, de forma a aperfeiçoar sua análise. Butler (2006) explica uma dessas questões em *Undoing gender* (2004), afirmando que o propósito da teoria *queer* não é declarar uma guerra às categorias identitárias, mas sim se opor às imposições não voluntárias de identidades.

Não obstante, a maior elucidação feita por Butler em seus trabalhos posteriores foi justamente sobre o conceito de performatividade. Para Richard Miskolci e Larissa Pelúcio (2007), essa ideia foi a parte mais mal compreendida da discussão de autôres, tendo dado origem a uma série de críticas que se basearam em um entendimento equivocado da forma como ela havia lançado mão desse conceito. Para esse autor e essa autora, tal desentendimento foi gerado por uma confusão entre as ideias de *performatividade* e *performance*.

Em *Bodies that matter* (1996), Butler (2019) explica que o gênero não é algo que uma pessoa escolha “vestir” da mesma maneira que ela escolhe a roupa que vai usar ao sair de casa. Para ela, o que ocorre é justamente o contrário: ao invés de ter uma total liberdade para escolher de forma voluntarista o seu gênero, as pessoas são coagidas a seguirem o gênero que lhes é atribuído pela norma. Gênero esse que já existia antes delas e que elas não escolhem como é. O conceito de performatividade faz referência muito mais a esse processo do que a uma suposta “atuação”, que estaria mais ligada ao conceito de performance. Antes mesmo de *Bodies that matter*, Butler (2002) já havia abordado de forma mais evidente essa discussão em um artigo chamado *Critically queer* (1993).

A performatividade do gênero sexual não consiste em eleger de qual gênero seremos hoje. Performatividade é reiterar

ou repetir as normas mediante as quais nos constituímos: não se trata de uma fabricação radical de um sujeito sexual genericamente. É uma *repetição obrigatória* de normas anteriores que constituem o sujeito, normas que não se pode descartar por vontade própria. (*ibidem*, p. 64-65, grifo meu, tradução minha)

Nesse contexto, as possibilidades de quebra na performatividade seriam sempre atos políticos realizados por meio de brechas nas normas. Miskolci e Pelúcio buscam trazer a discussão de Butler (2003, 2019) para a realidade latino-americana a partir de uma análise de como esses conceitos poderiam explicar a relação de travestis com o gênero. Diferentemente das drag queens, que fazem performances, as travestis não são personagens, mas sim pessoas com uma performatividade de gênero não normativa. O autor e a autora afirmam que, ao subverter o binarismo de gênero, paradoxalmente, a travestilidade acaba por reforçá-lo. Isso porque as travestis se mantêm ligadas a uma “heterossexualidade normalizadora”. Mesmo não se limitando pelo termo “mulher”, as travestis que foram interlocutoras do autor e da autora buscavam fortemente ser vistas como mulheres, o que implicava na reprodução de gestos normativamente impostos a esse gênero.

Isso as levaria a ter um projeto sempre inacabado de seus corpos, buscando modelá-los cada vez mais para se adequarem a um ideal que nunca pode ser alcançado, pois sua meta é a “perfeição”. Ao fugir da norma, a performatividade dessas travestis reforça a norma ainda mais. Porém, o autor e a autora destacam que a performa-

tividade não implica em sempre seguir as normas, mas também em resistir a elas. Butler (2018) também fala sobre a agência do sujeito frente à performatividade de gênero. Levando em conta a repetição estilizada de atos e a ilusão de identidade, haveria a possibilidade de “transformar o gênero na relação arbitrária entre esses atos, nas várias formas possíveis de repetição e na ruptura ou repetição subversiva desse estilo” (*ibidem*, p. 3). Entretanto, Butler (2018) destaca que as pessoas não têm uma liberdade total para “reinventar” os gêneros: “sem dúvida, existem maneiras matizadas e individuais de alguém *fazer* o gênero, mas o fato de que esse alguém o faz *de acordo com* certas sanções e proscricções claramente não é uma questão apenas individual” (*ibidem*, p. 10, grifo dê autore). Na verdade, é autore tenta encontrar um meio-termo entre o “determinismo cultural” e o voluntarismo, argumentando que o gênero não é uma escolha individual, mas também não é uma imposição passiva sobre “recipientes sem vida”.

Outro erro de compreensão de Butler (2003), do qual nos lembra Rodrigo Borba (2014), é que elu seria construcionista em relação ao gênero. Segundo o autor, essa percepção “fez com que muitas feministas atacassem o trabalho da filósofa como sendo uma paranoia pós-estruturalista, pois, de acordo com essas feministas, Butler nega a materialidade do corpo” (*ibidem*, p. 449). Em *Gender trouble*, Butler (2003) afirma que o sexo, desde o começo, também é gênero, na medida em que os performativos “é uma menina” ou “é um menino” já preenchem o sexo de valores e expectativas, de forma que ele nunca aparece como neutro ou pré-linguístico.

Entretanto, em *Bodies that matter*, Butler (2019) se opõe à dicotomia entre constitucionalismo e determinismo biológico em relação a sexo/gênero. Elu nega que não acredita na materialidade dos corpos e afirma que o que quer dizer é que é impossível separar o material do discursivo. Não é possível traçar uma linha que separe esses dois “lados” do corpo, porque a materialidade é acessível apenas através do discurso. Tentar traçar uma fronteira seria um esforço apenas discursivo, sempre carregado de valores previamente estabelecidos. Ê autore explica também que a materialidade não é apagada pelo discurso nem é um efeito dos discursos. O que acontece é que materialidade e discurso apenas são indissociáveis.

A IDENTIDADE DE GÊNERO EXISTE?

Como dito anteriormente, Judith Butler (2003) defende que não existe um núcleo da identidade de gênero e que, portanto, não é possível falar de “expressão” de gênero. De fato, dois anos antes de *Gender trouble* (1990), Butler (2018) já havia publicado um artigo denominado *Performative acts and gender constitution* (1988), no qual elu discorre de forma mais detalhada sobre esse tema. Ê autore defende que, na crença hegemônica, ocorre uma inversão entre causa e efeito no processo de construção do gênero. Enquanto a crença hegemônica é a de que a identidade de gênero gera a expressão de gênero, na verdade, o processo seria o contrário. Para Ê autore, acreditar no essencialismo da identidade de gênero gera uma falsa “sensação de garantia” para os sujeitos.

Butler (2018, p. 13, grifo dê autore) chama essa crença de “teoria implícita e popular sobre os atos e gestos como *expressivos* do gênero”. Elu evidencia a suposta natureza dessa teoria ao afirmar que “o gênero aparece no *imaginário popular* como um núcleo substancial que pode ser muito bem entendido como correlato espiritual ou psicológico do sexo biológico” (*ibidem*, p. 13, grifo meu). A argumentação dê autore faz supor que a teoria “popular” da existência de uma identidade de gênero não teria um status científico. Entretanto, em 1968, Robert Stoller (1984) havia publicado o livro *Sex and gender*, que tratava exatamente sobre o assunto, defendendo a tese criticada por Butler (2018). Stoller, que era psiquiatra, publicou *Sex and gender* como resultado de um estudo realizado por dez anos com 85 pacientes com “distúrbio de gênero” e 63 de seus familiares. Obviamente, o trabalho do autor, ainda que precursor, guarda muitas marcas do entendimento médico da época sobre a transgeneridade. De fato, a Organização Mundial da Saúde só deixou de considerar a transgeneridade um distúrbio em 2019. No entanto, na época em que Stoller publicou *Sex and gender*, esse “distúrbio” ainda era visto sob o viés da possibilidade de “reversão”, pelo menos se identificado em sua fase inicial.

Para Stoller, por volta de dois anos de idade, já temos o senso de pertencer a um determinado gênero – na discussão do autor, de forma binária: homem ou mulher. Mas isso não significaria uma definição de *como* é ser homem ou mulher. Esse aspecto seria variável e aprendido no processo de socialização. Contudo, o autor defendia que a identificação com determinado gênero não implica

necessariamente em um comportamento em conformidade com ele. Por isso, não seriam os comportamentos o que determinam a identidade de gênero. Ele dá como exemplo os “*transvestites*”²², termo pelo qual eram chamadas, à época, pessoas que se vestiam da forma associada ao “sexo oposto” – provavelmente, o termo mais adequado para exprimir a ideia hoje seria “*crossdressers*”. Os “*transvestites*” (ou *crossdressers*) sentem-se homens mesmo vestindo roupas femininas. Stoller também já fazia uma diferenciação entre gênero e “prática sexual”, afirmando que um não determina o outro. Ele diferenciava bem a homossexualidade da transgeneridade, dizendo que o menino homossexual tem identidade de gênero masculina, já a menina transgênero – que ele chama de “menino transexual” – tem identidade de gênero feminina.

Stoller defendia que, após a formação do núcleo da identidade de gênero, ele é “praticamente imutável”. Miriam Grossi (1998) afirma que, para esse autor, seria mais fácil mudar o sexo de uma pessoa do que o gênero dela. Stoller acreditava que tanto características biológicas quanto sociais estariam envolvidas na formação desse núcleo. Entre as variáveis sociais estariam a designação do gênero – a partir dos órgãos genitais – e a relação da criança com seus pais e parentes. O autor não sabia dizer qual era o peso de cada um dos fatores. Entretanto, ele acreditava que, em geral, o social era mais

22 É importante não confundir com “travestis”, que é uma identidade de gênero feminina latino-americana. A travesti não é um homem vestido de mulher, é uma identidade feminina não-binária. Não tem a ver com como ela se veste, mas sim com como ela se identifica.

importante, não sendo o biológico “essencial” para essa determinação. Para Stoller, a “causa” da transgeneridade não seria biológica, por exemplo. No entanto, ele cita casos que contradizem essa hipótese, como os de crianças intersexuais que se identificaram com o gênero diferente do que lhes foi designado. Rafael Cossi (2018) afirma que Stoller era contrário às teorias sexistas que vigoravam na época, opondo-se a qualquer ideia baseada numa suposta inferioridade das mulheres em relação aos homens. Esse autor nos conta, ainda, que o trabalho de Stoller foi alvo de muitas críticas com o passar do tempo, especialmente pelo binarismo de seu pensamento e por apresentar certo grau de biologicismo em algumas de suas análises. *Performative acts and gender constitution*, texto no qual Butler (2018) caracteriza a teoria da identidade de gênero como “popular”, não faz referência a esse autor. Já em *Gender Trouble*, Butler (2003) faz apenas uma breve menção a Stoller ao utilizar a expressão “núcleo de gênero”, indicando que ela foi desenvolvida por ele.

Butler (2018) afirma que os atos performativos dos sujeitos podem ou não estar em conformidade com a identidade de gênero esperada, tendo a possibilidade de questionar de alguma forma a expectativa gerada pelo sexo – enquanto “características sexuais primárias”. Entretanto, como ela própria nos explica (Butler, 2002; 2019), a ilusão da identidade de gênero seria criada à medida que somos levados a repetir determinados atos e gestos pela heterossexualidade compulsória.

A explicação de Judith Butler (2002, 2003, 2018, 2019) consegue abordar de forma muito convincente como o processo de engendramento de uma identidade de gênero ficcional acontece com pessoas cisgêneras, que acreditam ter sua identidade de gênero por serem levadas a repetir os atos e gestos relacionados a ela pela cisheteronorma. Porém, como esse processo ocorreria no caso de pessoas transgêneras, se elas não foram levadas a repetir os atos e gestos relacionados à identidade de gênero que elas acreditam ter? Na verdade, elas são usualmente impedidas de realizar esses atos e gestos. Então, o que faz com que elas ajam contra a imposição social e repitam atos diferentes dos que elas deveriam?

No texto *Performativity, precarity and sexual politics*, Butler (2009, p. 334, tradução minha) sugere algo nesse sentido: “mesmo quando decidimos mudar de gênero, ou produzir um gênero, fazemos isso com base em desejos muito poderosos que nos fazem tomar essa decisão. Não somos exatamente nós que escolhemos esses desejos”. No entanto, a autora fala em “mudar de gênero”, o que não se enquadraria exatamente na experiência de pessoas trans, que nunca se identificaram com o gênero designado a elas. Além disso, a autora não explica, aqui, como ocorreriam esses processos “muito poderosos” em torno dessa “mudança de gênero”.

Esse questionamento se torna mais intenso quando pensamos em pessoas trans que passaram pela transição depois de adultas, tendo repetido os atos relacionados ao seu gênero de designação

durante toda a sua vida. O que faz com que essas pessoas se sintam de um gênero diferente se elas nunca haviam agido como se fossem daquele gênero? *De onde vem* essa identificação se ela *não surge* na superfície do corpo, como propõe Butler (2002, 2003, 2018, 2019)? Da mesma forma, a partir de um raciocínio menos binário, poderíamos pensar em homens afeminados – bichas e viados: por que eles continuam se identificando como homens se os gestos que repetem são associados às mulheres?

Butler (2006) afirma que o principal propósito da teoria *queer* é se opor à imposição não voluntária de identidades. Contudo, a ideia de que a identidade de gênero não é intrínseca, mas algo construído no exterior do sujeito a partir da imitação e repetição de atos e gestos, ainda poderia ser considerada contrária à política de identidades. Afinal, esta reivindica o respeito às pessoas não cisheteronormativas afirmando que elas sempre foram assim (“*I was born this way*”)²³ e que não podem mudar (“*I can’t change, even if I try, even if I want to*”)²⁴. Seria como dizer que uma mulher trans não é verdadeiramente de um gênero diferente daquele com o qual foi designada. Ela apenas estaria repetindo externamente atos ligados ao gênero diferente da sua designação. O vínculo identitário, então, ficaria frouxo, frágil, quebrável. Se, cientificamente, a ideia do núcleo da identidade de gênero, como desenvolvida por Robert Stoller (1984) pode ser questionada, ela parece ser uma base forte de raciocínio

23 Trecho da música *Born This Way* (Lady Gaga, 2011).

24 Trecho da música *Same Love* (Macklemore & Ryan Lewis feat. Mary Lambert, 2012).

por trás da autoimagem e das lutas políticas da comunidade LGBTQIAPN+. Seria o caráter “popular” dessa teoria um problema ou um motivo para um olhar mais curioso sobre ela?

É importante afirmar que a ideia da existência da identidade de gênero não implica necessariamente em um biologicismo. Mesmo Stoller, que acreditava que existem fatores biológicos na composição do núcleo da identidade de gênero, também acreditava que os fatores mais importantes eram os sociais, destacando o relacionamento da criança com os familiares. O trabalho de Renan Moura e Rejane Nascimento (2020) indica a possibilidade de *identificações culturais* se relacionarem com a manifestação de gênero de gays afeminados – a partir do depoimento de um entrevistado que se identificava com figuras como Rouge e Kelly Key. Inclusive, nesse sentido, Pedro (Bharbixas, 2018), Roberto (Bharbixas, 2018) e Ângelo (ManoTauros, 2018) citaram a cantora Anitta como uma figura de referência para os membros do Bharbixas, time considerado afeminado. Roberto (Bharbixas, 2018) apontou que os membros do time a tinham como uma musa: “Anitta. Quando a Anitta aparece, Anitta é a rainha maior”. Ele explicou porque acreditava que essa identificação existe.

Anitta, primeiro que ela... normalmente quando surge uma cantora *pop* assim, o público maior, o público gay pega e ele dá dinheiro, ele é um público fiel. E elas, por interesse financeiro, mas eu acho que também não só, até por uma questão de afinidade e carinho, acabam também se apegando àquele grupo e se tornando referência praquele grupo. Então, tipo assim, a Anitta vai lá, rebola a raba, o pessoal quer rebolar igual. Ela vai

lá, lança um clipe, e todo mundo: “nossa, que hino! Cês viram o clipe da Anitta?” Ela representa um próprio movimento e também ela representa um movimento muito feminino, ela é uma mulher que saiu da favela e vai lá e rebola a raba e tem personalidade. Então, tipo assim, ela representa exatamente eu acho que uma luta, uma coisa contra preconceitos e contra uma sociedade conservadora. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Roberto (Bharbixas, 2018) destacou o caráter comercial dessa relação, uma vez que as cantoras *pop* lucram por meio do consumo do público LGBTQIAPN+, mas ele também acreditava que existe um processo de *identificação* por afinidade. Por parte desse público, a identificação se daria pela representação de uma manifestação de gênero e sexualidade emancipatória frente a uma sociedade conservadora. Roberto (Bharbixas, 2018) complementou falando sobre a identificação dos gays com as mulheres.

Eu acho que o gay, não é só o fato de [voz de riso] gostar de pinto que ele se identifica com a mulher, mas ele se identifica mais com a mulher na sensibilidade, na educação, não sei... agora eu tou sendo um pouco *hétero cis homofóbico homem*, não sei, mas, assim, é porque é um perfil que eu acho que se aproxima em vários aspectos. Então, eles têm uma conexão. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Ao mesmo tempo em que Roberto (Bharbixas, 2018) identificou uma afinidade de valores e comportamentos que aproximariam gays e mulheres, ele também acreditava que poderia estar sendo precon-

ceituoso por ter essa percepção, uma vez que ela era baseada num estereótipo de como mulheres e gays seriam. Lúcio (Bharbixas, 2023) também afirmou que existia uma conexão grande entre os membros do Bharbixas e ídolas femininas.

A gente gosta muito das artistas mulheres. A gente tem essa afinidade não só pelo lado artístico, mas também por tudo que ela representa, né? Normalmente, as artistas mulheres são as que abraçam a causa LGBT, são a que tão ali junto e apoiando de certa forma. Então, a gente busca essa identificação. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

De fato, eu acompanhei um treino masculino em que se destacaram músicas sertanejas cantadas por mulheres e músicas de *drag queens* brasileiras. Entretanto, quem mais se destacou foi Anitta, pois aproximadamente a cada cinco músicas, uma era dela. Roberto (Bharbixas, 2018) gosta de música sertaneja. Quando tocou Marília Mendonça, foi a primeira vez que o vi dançando.

A partir desse cenário, podemos entender que a identidade de gênero existe não porque “homem” e “mulher” são categorias naturais, mas sim porque o processo de socialização faz com que as pessoas se vejam como “homem” ou “mulher”, não apenas por causa dos atos e gestos que a cisheteronorma impõe a elas, mas potencialmente também por *múltiplos outros fatores*, inclusive *psicológicos*, como a *identificação* com figuras femininas ou masculinas – que poderia influenciar na identidade de gênero ou apenas na manifestação de gênero, como no caso de gays afeminados, que continuam

se reconhecendo como homens. Dessa forma, o que traria uma existência para o gênero não estaria apenas do lado de fora, mas também numa formação mental não necessariamente determinada pela aparência exterior. Para um membro do Taboa (PR), com quem conversei durante a 5ª edição do Champions LiGay (2019), existem *tendências pessoais* que levam as pessoas a terem manifestações de gênero mais afeminadas ou mais amasculadas.

Tem pessoas que têm tendências, né? A serem mais másculas, e tem pessoas que têm tendências, a palavra que é utilizada, mais afeminada. Mas cada um nas suas tribos. Isso faz parte. E, no mundo gay, tem essas diferenças. Até porque existe, né? Aquelas questões de ativo, de passivo, de versátil. Então, é algo que tá dentro, não tem como tirar. Mas a gente se relaciona tranquilamente. Alguns têm umas barreiras iniciais, mas depois a situação é quebrada, devido quando você interage com a pessoa. É só um escudo que alguns utilizam ainda. (Membro do Taboa, 2019)

Podemos pensar nessas tendências não como predisposições biológicas para agir “como homem” ou “como mulher” – já que homem e mulher são categorias socialmente construídas – mas sim como tendências a agir de certas formas que são *lidas culturalmente* como femininas ou masculinas e, então, *associadas* a essas identidades.

De qualquer maneira, talvez possamos transcender a *dicotomia* apontada por Butler (2003, 2018) entre *expressão* e *performatividade* também pensando na hipótese de conceber o processo de criação

do gênero como uma via de mão dupla: a repetição coercitiva de gestos e atos poderia alimentar o surgimento da identidade de gênero, enquanto essa também poderia reforçar a adoção de atos e gestos relacionados a ela. Dessa forma, ocorreria, portanto, um processo de *mútua afetação*. Nesse contexto, seria possível pensar também que outras variáveis externas, além dos atos e gestos performativos – como a identificação com figuras masculinas ou femininas, por exemplo –, poderiam fazer parte da formação de uma identidade construída de fora para dentro. Entretanto, em diversos momentos, problematizar essa dicotomia não é sequer necessário. Por isso, proponho a ideia de “*manifestação de gênero*”, que se refere à observação de como os atos e gestos se apresentam, independentemente de sua “origem”.

MANIFESTAÇÃO DE GÊNERO

A partir da perspectiva da performatividade de gênero (Judith Butler, 2003), poderíamos entender que as identidades são simulacros, algo que não existe *de verdade*. Mas o que é existir de verdade? Para William Thomas e Dorothy Thomas (1928), se as pessoas definem uma situação como real, ela se torna real em suas consequências. Essa *perspectiva pragmatista*, que não busca identificar a “verdade” por trás dos processos, mas sim olhar para os seus *resultados*, orienta a observação do gênero a partir da sua *manifestação*. Nesse sentido, se uma pessoa é identificada socialmente como homem ou como mulher – ou como “afeminada” ou “ máscula” –, isso tem con-

sequências práticas para ela, para os outros com quem ela interage e para as situações nas quais esses sujeitos se encontram. Do ponto de vista das preocupações que este trabalho busca desenvolver, o que importa não é o *caráter ontológico dos processos de gênero*, mas sim quais são os *significados e consequências* deles. Entre os sujeitos para os quais estou olhando, há pessoas que se identificam como homens, mas não agem de forma socialmente considerada masculina. Isso seria contraditório tanto à ideia de *expressão de gênero* – quem se identifica como homem deveria exprimir masculinidade – quanto de *performatividade de gênero* – quem repete atos e gestos femininos deveria ter a ilusão de ser mulher.

Por isso, proponho o conceito de *manifestação de gênero*, uma abordagem que foge da *dicotomia entre performatividade de gênero e expressão de gênero*. A ideia de manifestação remete àquilo que identificamos quando observamos uma pessoa, independentemente de ser a expressão de um núcleo psicológico ou apenas um conjunto de atos e gestos repetidos na superfície do corpo. Aqui, importa menos a origem dessa caracterização – ou seja, se ela é algo que parte *do lado de dentro* ou *do lado de fora* – do que a forma como ela se manifesta. Afinal, a afeminofobia, por exemplo, é *uma resposta às manifestações de gênero*. Tanto a performatividade de gênero quanto a manifestação de gênero dizem de uma *externalidade* do gênero, mas a performatividade de gênero geraria a ilusão de uma identidade de gênero correlata. Por outro lado, a manifestação de gênero não tem nenhuma ligação necessária com a identidade de gênero – seja ela ilusória ou não. Do mesmo modo, assim como a expressão de gênero,

a manifestação de gênero poderia estar ligada também a uma *inter-nalidade* do gênero. Isso porque ela poderia estar relacionada com “*tendências*” pessoais para agir de determinada forma (como vimos anteriormente). No entanto, essas tendências, caso existam, não estão necessariamente ligadas à identidade de gênero do indivíduo.

Assim, a manifestação de gênero de uma pessoa pode ou não estar em conformidade com o padrão normativo estabelecido para a sua identidade de gênero. Isso significa que alguém que se identifica como homem pode se comportar de forma considerada feminina ou masculina. Uma das dimensões da manifestação de gênero é a *caracterização corporal* do indivíduo que o liga a padrões socialmente atribuídos ao masculino ou ao feminino: aparência, voz, gestos etc. Essa é provavelmente a dimensão mais importante, pois está diretamente inscrita no *corpo*, que é a forma imediata como os sujeitos se inserem no mundo e são reconhecidos pelos demais. Ela inclui características que compõe a *anatomia* do indivíduo (presença ou não de seios ou de barba, por exemplo), *elementos inscritos no corpo* (roupas, acessórios, maquiagem etc.), além da forma como os *gestos corporais* se apresentam (falar “fino” ou “grosso”, rebolar, sentar-se com as pernas abertas etc.). Outras dimensões da manifestação de gênero são as *preferências* – como gostar de brincar de boneca ou de jogar bola – e as *atribuições de características*, que podem ser vistas como qualidades ou defeitos, dependendo da adequação a cada gênero: força, sensibilidade, valentia, delicadeza etc.

É importante notar que *não há um padrão binário*. Uma pessoa pode ser considerada afeminada ou amasculada (“máscula”), mas,

em geral, a sua manifestação de gênero sempre vai conter elementos tradicionalmente ligados tanto ao que é considerado feminino quanto masculino. Por isso, anteriormente, defendi que existem *diferentes formas de ser afeminado*. Portanto, se, em um primeiro momento, seria possível supor que uma pessoa que se identifica como *não-binária* seria aquela que repete atos e gestos relacionados tanto ao feminino quanto ao masculino, isso não se sustentaria porque nós *todos fazemos isso em algum grau*. Além disso, não é a manifestação de gênero o que define a identificação de uma pessoa com a não-binariedade. Uma pessoa não-binária pode ter uma manifestação de gênero considerada predominantemente masculina ou feminina: ela *não precisa ser “andrógina”*. Nesse sentido, poderíamos falar de sujeitos afeminados (com manifestação de gênero considerada feminina) ou amasculados (com manifestação de gênero considerada masculina), independentemente da forma como eles se identificam em relação a gênero (homens, mulheres, não-binários etc.). De modo geral, poderíamos dizer que a *afeminação* e a *amasculação* são formas de pensar as manifestações de gênero num esquema binário, que pressupõe uma identificação com um padrão masculino ou feminino.

No entanto, existe uma distinção importante no que diz respeito à relação do sujeito generificado com a sua manifestação de gênero. A primeira possibilidade é que a forma como a pessoa se manifesta em relação a gênero não seja deliberada, mas sim algo que ela faz espontaneamente, sem intenção reflexivamente construída. Nesse aspecto, estamos falando da *manifestação de gênero espontânea*

do sujeito. O menino afeminado não escolhe ser afeminado. É simplesmente a forma como seu corpo se manifesta. Tanto que meninos afeminados podem não conseguir se amascular mesmo que queiram e tentem. Essa vivência nos é apontada por um dos jogadores de vôlei entrevistados por Jarlson Silva, Iraquiton Caminha e Bertyzza Fernandes (2021, p. 313): “‘sofri na escola, talvez pelo meu jeito, meu comportamento, e não era nada proposital, era de mim mesmo, aquele que você às vezes tem um trejeito, uma coisa mais afeminada que você não percebe, que você não faz esforço para que aquilo não aconteça, mas acontece’”. Da mesma forma, muitos meninos são amasculados espontaneamente, sem fazer qualquer tipo de esforço ou intervenção para manifestar seu gênero dessa forma.

Entretanto, como vimos anteriormente, devido à afeminofobia, é comum que meninos que conseguem agir de forma mais amasculada, assim o façam, para fugir do preconceito e da violência ligados à afeminação. Nesse caso, estamos falando de uma *manifestação de gênero intencional*, que passa a ser adotada artificialmente pelo sujeito para atingir determinados fins. Através desse processo, alguém espontaneamente amasculado também pode simular uma manifestação de gênero afeminada. Isso pode acontecer, inclusive, para fins de ridicularização da afeminação. Mas esse fenômeno também pode acontecer até mesmo quando alguém espontaneamente afeminado decide acentuar sua afeminação, do mesmo modo que alguém espontaneamente amasculado pode acentuar sua amasculação.

Por isso, é possível identificar sobreposições entre a manifestação de gênero espontânea e a intencional. Isso é perceptível, por

exemplo, quando membros do Bharbixas buscam se comportar, de forma proposital, de uma maneira ainda mais afeminada, bem como membros do ManoTauros o fazem de forma ainda mais amasculada. Nesse sentido, a *dicotomia entre performatividade e performance* (Butler, 2003) também não se aplica do mesmo modo ao pensarmos no gênero a partir de sua manifestação, já que esses conceitos não se sobrepõem, sendo a performance intencional, e a performatividade não. Mais adiante, discutiremos alguns casos a partir dos quais será possível pensarmos em outras possibilidades de sobreposição entre as duas dimensões da manifestação de gênero.

Além das questões já apontadas, quando falamos de Bharbixas e ManoTauros, há mais um ponto a ser observado. Se entendermos a afeminação e a amasculação apenas como performatividade e não como algo que faz parte da identidade dos membros desses dois times, então estamos falando que ela não é constitutiva do eu desses sujeitos. No entanto, ser afeminado e ser amasculado parece ser algo central na forma como essas pessoas se veem e se entendem. Quando falamos de identidade de gênero, normalmente nos referimos a homem, mulher, não-binária etc. Contudo, afeminado e amasculado (ou másculo) também podem ser identidades. Identidades que talvez pudéssemos chamar de *manifestação de gênero identitária*, unindo as dimensões da identidade de gênero e da manifestação de gênero.